

Maurício Waldman



Mundo Tradicional, Imaginário e Cartografia Antiga



EDITORA KOTEV
GEOCARTO - SÉRIE CARTOGRAFIA 3

MUNDO TRADICIONAL, IMAGINÁRIO E CARTOGRAFIA ANTIGA ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Quando o assunto em pauta é o mundo tradicional, não há como dissociar o estudo da cartografia elaborada pelas sociedades antigas da análise dos arquétipos figurativos materializados na iconografia e iconologia, das geometrias simbólicas, da apreensão sensível do espaço, das representações imaginárias atinentes ao papel dos lugares e de outras alegorias espaciais.

Isto porque apuradamente, este leque de matrizes culturais, apensos socioambientais e gabaritos cognitivos, aufere autoridade indiscutível para uma avaliação dos mapas produzidos pela antiguidade (Cf. WALDMAN, 1997).

Recordemos que na condição de peças culturais, os mapas constituem, num ângulo topológico, um formidável testemunho dos modelos imaginários do espaço, revelando anseios e enquadramentos prescritos pelas civilizações para si mesmas e para com uma vasta legião *de outros*, elementos em comum conotados pela percepção sensível da espacialidade.

Embasadas em arquétipos figurativos, as representações do espaço remetem a uma geografia imaginária que habilita a profissionais como antropólogos e geógrafos, o rastreamento de territórios simbólicos, identificando sua configuração e a lógica da articulação dos elementos que os compõem.

Vinculando-se a pareceres iconológicos, o espaço torna-se nesta acepção, passível de análise enquanto *símbolo cultural* e desta feita, envolvendo estratégias de sínteses e simplificações, a partir das quais ele é construído enquanto sistema de representação.

Reportando às ponderações do antropólogo francês Claude LÉVI-STRAUSS, um sistema de significações, ao estaquear-se em vazios semânticos, *pari passu* envolve estratégias de simplificação que impedem ou contém perda de substância simbólica. Isto em razão de que a subtração de elementos de um sistema o torna logicamente mais rico, apesar de torná-lo a primeira vista, menos denso e mais pobre (*apud* 1991: 57-60).

Assim, numa aferição cartográfica, este parecer reportaria ao fato de que os símbolos, tal como também recorda o mesmo autor, “não possuem uma significação extrínseca e invariável, não são autônomos em relação ao contexto. Sua significação é antes de tudo, *de posição*” (idem, 1991: 61).

Para certificar tais locuções, bastaria consultar dados presentes na longa, memorável e honrada tradição da cartografia dos antigos. Retenha-se que os mapas elaborados pelas culturas e civilizações antigas agregam *enunciados qualitativos* que distinguem, sobremaneira, o entendimento do espaço pelo mundo da tradição daquele mais tarde estatuído pela modernidade.

Neste sentido, em muitos contextos os cartógrafos do passado se notabilizaram pela opção preferencial em desvelar *os dados relativos, e não os absolutos*, da dimensão espacial, diuturnamente associados aos ciclos da natureza (Figura 1).

Com isto, a cartografia da antiguidade aproximou-se da representação do espaço tal como este é de fato aferido pela consciência humana na sua conformação mais psicológica e intimista, nexos este que frequentemente calçou a representação do espaço habitado pelos antigos.

Neste prisma, atente-se para lapidar reflexão da geógrafa Livia de Oliveira sobre a questão da vivência do espaço, que malgrado ser convencionalmente representado nos mapas modernos de modo contínuo, isotrópico e bidimensional, tem-se, por outro lado, que na prática, o homem:

“realmente não se movimenta num espaço com estas propriedades. O espaço humano é descontínuo, anisotrópico e tridimensional, e sofre mudanças em termos principalmente de tempo e custo. Por conseguinte, mapear este espaço vivo e dinâmico para descrevê-lo e explicá-lo, tem se tornado um problema para a geografia e para a cartografia” (OLIVEIRA, 1978: 25).

A mais ver, ao enfatizar a representação de espaços absolutos, qual seja, externos ao homem, a cartografia do mundo moderno ratifica tendência em interpretá-los como sendo, por definição, o retrato do espaço, ao passo que todas as demais formas de entendimento nada mais seriam do que distorções avessas ao marco cartográfico imposto enquanto única opção aceita para apreender o que é institucionalizado como “espaço real”.

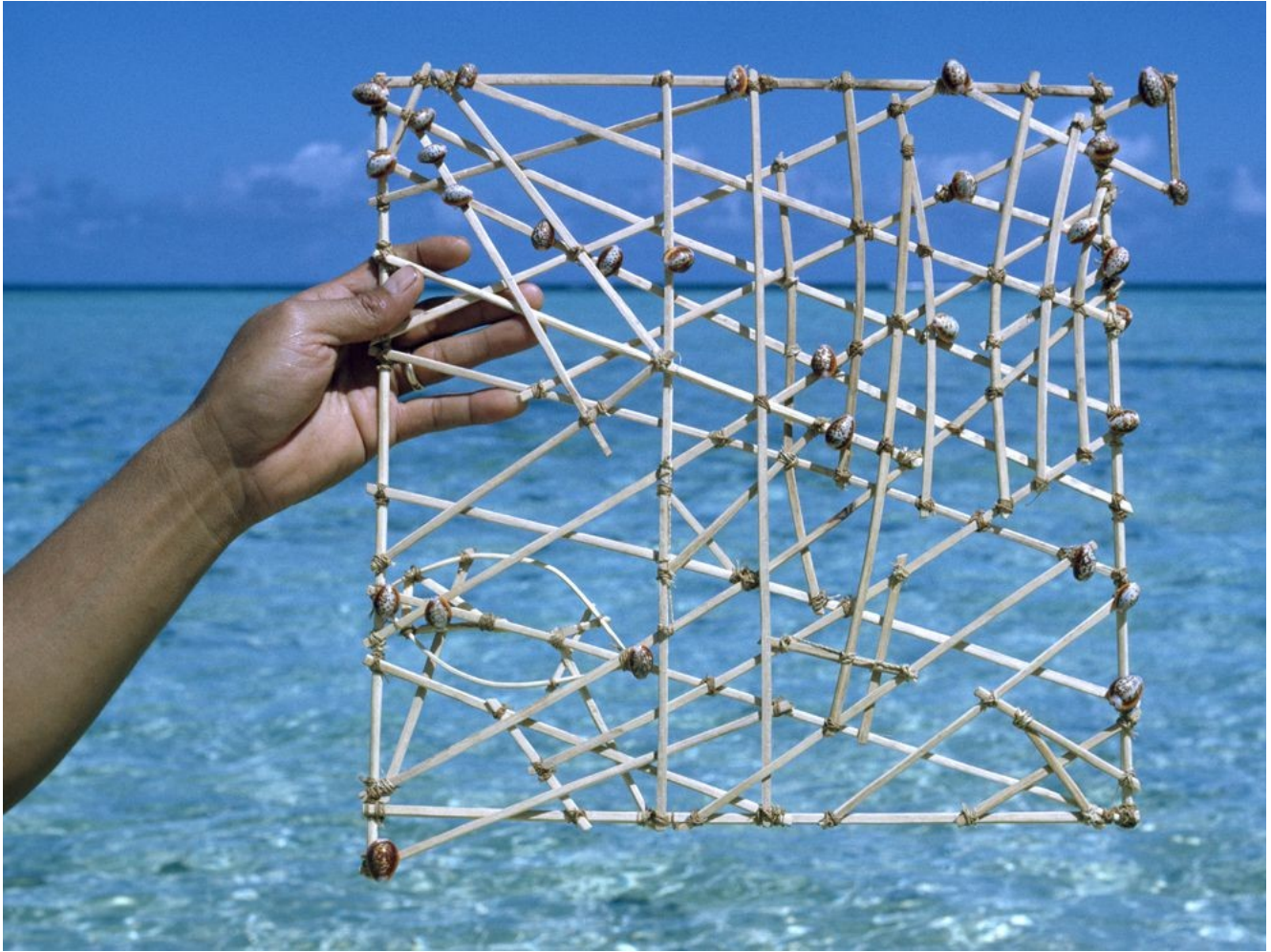


FIGURA 1 - Mapa de navegação das populações polinésias das Ilhas Marshall, na Micronésia, destacando ilhas, atóis e percursos com base nas correntes marítimas e fenômenos meteorológicos, confeccionado com gravetos e conchas, peça cartográfica matricial para compreender as comunicações e o milenar processo de colonização da Oceania (Fonte: < <https://www.nationalgeographic.org/media/micronesian-stick-chart/> >. Acesso: 21-09-2017).

Todavia, a despeito desta censura, estudos sobre a percepção ressaltam que o espaço vivenciado pelas pessoas é muito mais psicológico do que absoluto.

Reconheça-se que o mais relevante para qualquer pessoa ao tomar decisão sobre como realizar um transcurso entre duas cidades, é conhecer as distâncias em termos de custo e de acessibilidade. *Mas não em quilômetros.*

Confira-se que intuitivamente, *as decisões práticas do dia a dia são tomadas em vista de coordenadas espaciais relativas e não as absolutas.* Nesta linha de compreensão,

nada depõe em contrário quanto a um preciso e eficiente saber espacial por parte das sociedades de outrora.

Por exemplo, os Tsongas de Moçambique detinham conhecimentos cartográficos que apesar de serem rotulados por estudos eurocentrados como “rústicos”, reportavam ao uso de noções espaciais intuitivas e práticas, aplicáveis e eficazes para dar cabo das tarefas da sobrevivência e do cotidiano, contemplando as demandas das coletividades e das pessoas a elas integradas (JUNOD, 1996: 262).

Posicionando-se a partir de perspectivas culturais específicas, o mundo tradicional postulava uma *compreensão sensível do espaço*, necessariamente produzindo mapas que expressavam, em termos técnicos e imagéticos, um senso espacial avesso à retilinearidade e ao enquadramento geométrico, ou, como definiu o geógrafo sino-americano YI FU TUAN, *a um trato carpintejado* (1980).

Prioritariamente, a cartografia tradicional tinha como objetivo registrar como o espaço era sentido, vivenciado com o concurso da vivência com os lugares, *com base em premissas topo-lógicas, e não topo-gráficas*, inferência que se manifestava de modo cabal nas cartografias do mundo tradicional (Vide Figura 2).

Com base neste plano cognitivo, se justifica a presença seres fantásticos e indicadores simbólicos nos mapas, compondo uma geografia maravilhosa que solenemente, tipificava as representações cartográficas de outrora, legitimando a representação de países e entidades imaginárias, parceiros do reino dos mitos e das cosmologias de antanho.

Assim, de igual modo os medos, os perigos, sedução e laços afetivos para com o espaço transpareciam nos mapas em todo seu prestigiado esplendor, predicados que por sua vez, reforçavam e induziam os modos como o espaço era apropriado.

Daí que se impõe cautela na avaliação do conhecimento cartográfico tradicional, em especial quando se sugere que o mesmo estaria perpassado por noções geográficas “rudimentares”, “primitivas” ou até mesmo “infantis”.

Certamente, estamos diante de certificações preconceituosas, que pavimentam um senso de superioridade civilizatória do Ocidente, reconhecidamente conjuminado com estratégias voltadas para legitimar a opressão de sociedades cujos móveis, diferiam radicalmente das acepções que triunfaram com a irrupção da modernidade.



FIGURA 2 - *Mapa de Bedolina*, inscrição rupestre descoberta no início do século XIX no Vale do Pó (Itália, *circa* 4.000 a.C), revelando padrões de percepção espacial despreocupados do registro de distâncias em termos absolutos (quantitativos), mas antes, representando-as a partir de um ponto de vista topológico, isto é, pelo modo como o homem sentia o espaço e pela dificuldade maior ou menor em percorrê-lo (Fonte: OLIVEIRA, 1983: 389).

Atente-se que a produção cartográfica das sociedades tradicionais respaldou eficientemente a reprodução espacial, social, cultural e ambiental dos humanos durante milênios sem conta.

Era portanto eficaz no seu contexto e convenhamos, intuía um senso de medida que certamente o homem contemporâneo está instado a resgatar e recuperar.

Motivo mais que suficiente para pautar novos entendimentos sobre as cartografias do mundo tradicional, repensando o espaço e as sociedades, empresa cujo rebatimento último, é a própria modernidade.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Craig. *The Bedolina Map: An Exploratory Network Analysis*. In: Analysing Ancient Economies and Social Relations. Proceedings of the 35th International Conference on Computer Applications and Quantitative Methods in Archaeology (CAA), Berlin, Germany, April 02-06-2007. 2007;

BORDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. In: Coleção Estudos, nº 20. São Paulo (SP): Editora Perspectiva. 1992;

BRETON, Roland Jules-Louis. *Geografia das Civilizações*. Série Fundamentos, nº. 60. São Paulo (SP): Editora Ática. 1990;

CUVILLIER, Armand. *Sociologia da Cultura*. Porto Alegre e São Paulo (RS-SP): co-edição Editora Globo e Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1975; CUVILLIER, Armand, 1975, *Sociologia da Cultura*. Porto Alegre e São Paulo: Editora Globo/EDUSP. 1972;

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos Editora (LTC). 1989;

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo (SP): Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP). 1991;

JUNOD, Henri Alexandre. *Usos e Costumes dos Bantu*. Tomo 2, Série Documentos nº. 3. Maputo (Moçambique): Arquivo Histórico de Moçambique. 1996;

LACEY, Hugh M. *A Linguagem do Espaço e do Tempo*. In: Coleção Debates, nº. 59. São Paulo (SP): Editora Perspectiva. 1972;

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Cru e o Cozido - Mitológicas*. São Paulo (SP): Editora Brasiliense. 1991;

LAPOUGE, Gilles. *Novos Conceitos Revolucionam a Geografia*. In: Jornal O Estado de São Paulo, edição de Domingo, 12-12-1976. 1976;

LOWENTHAL, David. *Geografia, Experiência e Imaginação: Em Direção a uma Epistemologia Geográfica*. In: Perspectivas da Geografia, Antônio Christofolletti (Org.), pp. 103-142. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1985;

MUHLY, James D. *Ancient Cartography: Man's earliest attempts to represent his world*. Expedition, Volume 20, pp. 26-31. Number 2, Winter 1978. EUA: University of Pennsylvania, Museum of Archaeology and Anthropology. 1978;

OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário Cartográfico*. 2ª edição, Rio de Janeiro (RJ): Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1983;

OLIVEIRA, Livia de. *Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa*. Série Teses e Monografias, nº. 32. São Paulo (SP): Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo (IGEOG/USP). 1978;

PRICE, Derek de Solla. *A Ciência desde a Babilônia*. Coleção O Homem e a Ciência, nº. 2. Belo Horizonte e São Paulo (BH-SP): Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1976;

RAISZ, Erwin. *Cartografia Geral*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Científica. 1969;

TUAN, Yi Fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1990;

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1988;

WALDMAN, Maurício. *Metamorfoses do Espaço Imaginário: Um ensaio "topo-lógico" relativo ao universo da cultura, do espaço e do imaginário*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo (SP): Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. 1997;

_____. *Doze Estudos em Geografia Crítica: Geografia para o Ensino Técnico de 2º Grau*. Obra elaborada como subsídio para sala de aula para os cursos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Título registrado junto à Biblioteca Nacional-Fundação Pró-Memória, sob o nº. 28.659, aos 4 de Outubro de 1983. Rio de Janeiro (RJ): Biblioteca Nacional-Fundação Pró-Memória. 1982;

WOODWARD, Davis et LEWIS, G. Malcom. *The History of Cartography, Volume Two, Book Three - Cartography in the Traditional African, American, Arctic, Australian and Pacific Societies*. Chicago e Londres (EUA e Reino Unido): University of Chicago Press. 1998.

1 **Mundo Tradicional, Imaginário e Cartografia Antiga**, ISBN: 1230003321539, é um texto introdutório para participantes de palestras e de cursos de capacitação em cartografia e geografia, primeiramente disponibilizado no site de *Geocarto - Website de Geografia e Cartografia*, do Departamento de Geografia da FFLCH-USP, em Junho de 2010. Em Setembro do ano de 2018, este mesmo material foi transformado em texto de acesso livre na Internet em Formato PDF com os préstimos da **Editora Kotev (Kotev ©)**. Na nova edição em curso, o texto foi revisado, acatando as regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, assim como incorporou normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. Em paralelo, preserva o foco, o sentido, os argumentos e a natureza do artigo original, idênticos ao material primeiramente divulgado em *Geocarto - Website de Geografia e Cartografia*. Como elemento de referência, as capas dos textos elaborados para o site Geocarto são identificados por imagem que resulta da justaposição de duas obras do pintor holandês Johannes Vermeer: *O Astrônomo* (1668) e *O Geógrafo* (1668/69). A formatação da edição de 2018 para a Internet contou com a Assistência de Editoração, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com; Home-Page: www.harddesignweb.com.br. **Mundo Tradicional, Imaginário e Cartografia Antiga** é um material digital gratuito. Vedada a reprodução comercial e também, divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. As citações de **Mundo Tradicional, Imaginário e Cartografia Antiga** devem incorporar referências ao autor e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Mundo Tradicional, Imaginário e Cartografia Antiga*. Série Cartografia, Nº 3. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

2 **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico, professor universitário e ditor. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área ambiental e uma carreira acadêmica com contribuições no campo da antropologia, geografia, sociologia e relações internacionais. Entre os anos 1970-1990, Waldman atuou como professor de geografia e de história em escolas da rede particular da capital paulista e como Diretor da Escola e dos Cursos Profissionalizantes da Fundação Estadual do Menor (FEBEM) e do Serviço SOS Criança (1997-2000). Waldman foi colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Paulo e Rio de Janeiro), em movimentos em defesa da Represa Billings no Grande ABC Paulista e em diversas entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo e o Comitê de Fiscalização do Reator Nuclear do Projeto Aramar, em Iperó (SP). Waldman colaborou com diversas publicações acadêmicas de geografia e em cursos de capacitação de cartografia e uso do mapa em sala de aula para o magistério de I e II

Graus na rede pública e particular de ensino em diferentes cidades do país. Fez parte da Diretoria da *Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local São Paulo* (AGB-SP, 2003), colaborou com o site acadêmico *Geocarto - Website de Geografia e Cartografia*, do Departamento de Geografia da FFLCH-USP (2010-2012) e durante dez anos (2004-2014), foi responsável pela disciplina *Geografia e Geopolítica da África* nos Cursos de Difusão Cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Autor de 18 livros e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Waldman é autor, dentre outras obras, de *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992), *Geografia para o Ensino Fundamental* (Editora Didática Suplegraf, 1999), *Antropologia & Meio Ambiente*, primeira obra brasileira no campo da antropologia ambiental (SENAC, 2006) e de *Lixo: Cenários e Desafios - Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos*, obra finalista do Prêmio Nacional Jabuti de 2011 (Cortez Editora, 2010). Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP, 1982), licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Plataforma Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Página em Academia.edu: <https://usp-br.academia.edu/Maur%C3%ADcioWaldman>

Biography Verbete Wikipédia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

CONHEÇA A SÉRIE CARTOGRAFIA



SAIBA MAIS: <http://mwtextos.com.br/serie-cartografia/>

A young woman with long, wavy brown hair, wearing a black leather jacket and a dark scarf, is looking down at her smartphone. The background is blurred, showing what appears to be a public space with other people and structures.

EDITORA KOTEV

Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

SAIBA MAIS SOBRE A EDITORA KOTEV. ACESSE NOSSA PÁGINA: <http://kotev.com.br/>